

O ENSINO-APRENDIZAGEM DE GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS: UMA REFLEXÃO SOBRE AS PRÁTICAS

Luzinete Carpin Niedzieluk¹

INTRODUÇÃO

É sabido que os discursos oficiais, atualmente, postulam que os gêneros textuais/discursivos devem ser o objeto de ensino-aprendizagem nas aulas de língua portuguesa. Nesta pesquisa, pretendemos observar se isso ocorre ou não, através das repostas dadas pelos professores a um questionário sócio-cultural, por entendermos que essas respostas refletem o que os docentes dizem que fazem em sala de aula.

Nesse sentido, esta é uma pesquisa qualitativa que objetiva fazer uma reflexão sobre as diferentes formas de ensino-aprendizagem de língua portuguesa, especificamente, observaremos se os gêneros textuais/discursivos estão sendo trabalhados em sala de aula pelos professores, conforme os currículos.

A metodologia utilizada consiste em “observação direta extensiva” que se realiza através de questionário sócio-cultural. O *corpus* constitui-se de dezenove informantes que responderam a questionários com perguntas abertas. Segundo Lakatos & Marconi (1985), perguntas abertas “são as que permitem ao informante responder livremente, usando linguagem própria, e emitir opiniões”. Analisamos suas respostas para observar se as formas de ensino-aprendizagem, em sala de aula, estão de acordo com os pressupostos teóricos difundidos pelos documentos oficiais; os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e também pela Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC).

1. QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL DISTRIBUÍDO AOS PROFESSORES

Apresentaremos uma amostra do questionário sócio-cultural distribuído, em 2003. Trabalhamos com as informações prestadas pelos 19 questionários que retornaram, dos 40 que distribuimos.

QUESTIONÁRIO SÓCIO-CULTURAL

Sexo: _____ Idade: _____
Profissão: _____
Formação: _____
Especialização: _____

1) Mencione as escolas, colégios, universidades em que trabalha, o nível de ensino, a(s) série(s) ou fase(s).

¹ Pós-graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

- 2) Há quanto tempo trabalha neste(s) local(is)?
- 3) A(s) instituição(ões) em que trabalha solicita(m) ao professor um planejamento do conteúdo a ser ministrado no ano ou no semestre.
- 4) Essa(s) instituição(ões) adota(m) algum livro didático para o ensino de língua portuguesa. Caso positivo, cite o nome do livro e os critérios que contribuíram para a adoção do mesmo.
- 5) Essa(s) instituição(ões) segue(m) as sugestões prescritas nos documentos oficiais, como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) ou a Proposta Curricular de Santa Catarina (PCSC).
- 6) Você já leu/debateu com os colegas as propostas dos PCNs ou da PCSC relativas ao ensino-aprendizagem de língua portuguesa?
- 7) Essa(s) instituição(ões) oferece(m) cursos de formação contínua aos professores?
- 8) Nas suas aulas de língua portuguesa com que concepção de língua você trabalha?
- 9) Como você trabalha com a gramática na sala de aula?
- 10) E a produção textual é trabalhada a partir de quais tipos de textos e de que gêneros textuais?
- 11) Como você interfere na correção da produção textual de seus alunos?

2. NÍVEL DE FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Letras Completo	Letras Incompleto	Especialização	Mestrado em Linguística
06	01	08	04

Graus de ensino em que o professor atua

Ensino Fundamental	Ensino Médio	Ensino Técnico e 3º grau	Ensino Médio e Fundamental	3º grau
05	04	03	05	02

Obs.: as duas professoras aposentadas constam no ensino médio e fundamental.

Tipos de instituições em que o professor atua

Instituição Pública	Instituição Privada	Instituição Pública e Privada	Instituição Federal
08	05	03	03

Obs.: as duas professoras aposentadas constam na instituição pública.

Utilização do livro didático ou apostila em sala de aula

Uso do Livro didático	Não uso do Livro didático	Uso de apostilas
09	06	04

Leitura dos documentos oficiais

PCNs E PCSC	Não leram
15	04

Obs.: dentre os professores que não leram estão as duas professoras aposentadas.

As instituições em que trabalham oferecem cursos de formação contínua

Instituição oferece Formação Contínua	Instituição não oferece Formação Contínua
17	02

Obs.: dentre as duas que não oferecem cursos de formação contínua uma é a instituição de uma das professoras aposentadas.

Observando os dados acima, percebemos que todos os professores possuem um excelente nível de formação, atuando nos mais variados graus de ensino, tanto em instituições públicas quanto privadas, além de federais.

A seguir apresentaremos os resultados da análise das repostas referentes às perguntas de números oito a dez. Esclarecemos que neste *paper* por questões de espaço, não apreciamos todas as respostas dadas.

3. O QUE OS PROFESSORES DIZEM A RESPEITO DE SUA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA?

Procuramos agrupar as respostas dos professores, na sua íntegra, partindo das duas faces da língua, ou de seus pólos: língua-estrutura e língua-discurso. Para uma melhor organização, agrupamos as respostas por proximidade de sentido convencionando identificá-las através da letra R – resposta – acompanhada do respectivo número de 01 a 16, pois 03 professores não as responderam, conforme a ordem de seqüência neste texto/discurso.

Grupo 01: Língua - estrutura**R01:** Emissor, receptor, mensagem.**R02:** Com a linguagem técnica.**R03:** Com a língua no padrão culto, porém enfatiza-se o padrão coloquial, mais usado na nossa realidade.**R04:** Trabalho a língua como elemento de comunicação, partindo da experiência de cada aluno.**R05:** Às vezes explorando níveis de fala através de viagens com professores de história.

Neste primeiro grupo, praticamente, todas as concepções de língua nos levam ao paradigma do estruturalismo, que vê a “linguagem como instrumento de comunicação, como meio objetivo para comunicação” (cf. TRAVAGLIA, 1998). Sendo assim, a língua é capaz de transmitir uma mensagem, de um emissor a um receptor, conforme a **R01** e a **R04**, em que os professores mencionam que trabalham a língua como um elemento de comunicação.

R03 parece entender a língua como um código subdividido: padrão culto e padrão coloquial, porém enfatiza o segundo em detrimento do primeiro, quando, na verdade, os alunos devem ter consciência das duas variedades lingüísticas, mas em sala de aula devem apreender o padrão culto para, pelo menos, terem a possibilidade de disputar o mercado de trabalho e talvez ascenderem socialmente. No grupo de concepções a seguir, a língua é entendida como “forma ou processo de interação”. Vejamos:

Grupo 02: Língua - discurso**R06:** Língua como forma de expressão de um povo.**R07:** A língua como ferramenta de cidadania, de leitura de mundo.**R08:** Língua é comunicação vivencial – é VIDA.**R09:** A língua como expressão e manifestação da cultura de cada indivíduo ou comunidade.**R10:** Sócio-interacionista ⇒ Vigotsky**R11:** Procuo trabalhar com exemplos de língua usados no dia-a-dia do aluno. Apresento as diferentes variedades (formal, informal).**R12:** Sócio-interacionista.**R13:** Sócio-interacionista.**R14:** Com uma língua que faça o aluno se comunicar, mesmo que ele tenha muitas dificuldades para escrever.**R15:** Trabalho com a concepção da língua como produto de interação que se realiza nas relações postas na sala, na escola, na vida. Neste sentido, a língua só tem existência na interlocução, no seu funcionamento.**R16:** Trabalho dentro da visão socio interacionista, numa perspectiva funcional.

As respostas de **R06** e **R09** vão ao encontro uma da outra, pois a primeira compreende a “língua como forma de expressão de um povo” e a segunda compreende “a língua como expressão e manifestação da cultura de cada indivíduo ou comunidade” e ambas ainda trazem as marcas da concepção estruturalista de língua/linguagem ao utilizarem os vocábulos - forma de expressão - muito representativos do paradigma estrutural.

R10, R12, R13 e R16 deixam explícito que trabalham com a concepção de língua sócio-interacionista conforme proposta por Vygotsky (1989) e adotada na PCSC (1998), porém não a explicitam. Isto, ao nosso entender, pode ser uma paráfrase da Proposta, sem efeito em sala de aula ou pode ser um bom sinal porque de alguma forma o “novo conhecimento” está refletindo na prática dos docentes.

A **R15** foi considerada como sendo uma das respostas mais maduras de um professor realmente consciente de seu trabalho de educador. Ao adotar a concepção de linguagem como produto de interação, ele abarca a linguagem enquanto “efeitos de sentido” entre interlocutores nas mais variadas situações (sala, escola, vida), no contexto sócio-histórico e ideológico, entendendo que “a língua só tem existência na interlocução, no seu funcionamento” (R15).

4. E A GRAMÁTICA COMO É TRABALHADA EM SALA DE AULA?

Grupo 01: Perspectiva estrutural/normativa: gramática ligada a aspectos imanentes

R01: Através de correção de textos.

R02: Trabalhado dentro do contexto dos módulos e seguindo a base da gramática tradicional.

R03: A gramática deve ser aplicada ao texto (produzido/lido).

R04: A partir de um texto oferecido aos alunos e por eles já interpretado, ressaltar, por exemplo, algumas palavras da mesma classe gramatical e então, juntos, vamos descobrir sua função no contexto, dar outros exemplos.

R05: A gramática é trabalhada de forma um pouco tradicional. Só que uso como ponto de partida situações tiradas dos textos.

R06: Partindo da fala dos alunos, comparando com textos de nossos autores e estabelecendo as normas/regras.

R07: Através de textos, trabalhando as orações e atividades relacionadas à gramática e o texto.

R08: Uso a gramática como material de consulta à parte. Quando há dúvidas sobre alguns aspectos gramaticais, verificamos qual a “regra” para solucioná-las.

R09: De acordo com as dificuldades que apresentam.

Neste grupo de respostas, fica claro que para os professores, a gramática é entendida como conjunto de normas e regras prescritas, que determinam o que se deve e o que não se deve usar na língua.

R01 nos diz que a gramática deve ser trabalhada através de correção de textos. Isso é lido aqui como “caça aos erros” sem a preocupação com outros aspectos relevantes de um texto, como, por exemplo, a macro e microestruturas focalizando a coerência, coesão, informatividade, aceitabilidade e outras mais.

Para **R08**, a gramática é um material de consulta à parte em sala de aula. Quando há dúvidas, ela é consultada. Nesse sentido, este(a) professor(a) usa a gramática apenas quando necessário, isto significa que ele(a) não está limitando o ensino da língua à gramática.

No segundo grupo de respostas que apresentaremos, a seguir, convém esclarecer que consideramos, como um dos critérios para o enquadramento neste grupo, as respostas que mencionam textos, mas não se referem a normas ou regras e as que dizem trabalhar com a gramática de uma forma interacionista. Vejamos:

Grupo 02: Perspectiva discursiva: gramática ligada a textos/discursos

R10: **Através de textos.**

R11: De forma implícita, com poemas, textos, redações...

R12: Através de textos.

R13: A gramática é trabalhada de forma interacionista, dentro do texto, e relacionada a outras disciplinas.

R14: Contextualizada.

R15: Contextualizando com textos apresentados.

R16: Procuro trabalhar a gramática de forma contextualizada, a partir de um texto discutido e explorado em sala, a partir das dúvidas que os alunos levantam, de situações surgidas em sala ou das questões mais recorrentes nos textos que eles produzem.

R17: De forma contextualizada, de forma aplicada.

Tanto **R14** como **R15** e também **R16** e **R17** afirmam trabalhar a gramática de forma contextualizada, ou seja, com textos, por isso entendemos que estão mais próximos deste segundo grupo; o discursivo, porque o simples fato de terem se libertado de ensinar através das frases soltas e orações, já os aproxima dos pressupostos do campo da lingüística textual, porém, ainda se faz necessário mais um passo nesta caminhada para os aproximar do campo da análise do discurso bakhtiniana (ou da teoria da enunciação bakhtiniana), conforme proposta pelos documentos oficiais (PCNs e PCSC).

5. E A PRODUÇÃO TEXTUAL/DISCURSIVA É TRABALHADA A PARTIR DE QUE TIPOS DE TEXTOS E DE QUE GÊNEROS TEXTUAIS?

Grupo 01: Produção Textual ligada a perspectiva estrutural.

R01: Narração e dissertação.

R02: Os mais variados tipos de texto: narrativo, descritivo, dissertativo: notícias de jornais, receitas, bulas de remédios, letras de músicas, charges, tiras, poesias, etc.

R03: Trabalho constantemente a produção textual e o gênero mais solicitado é o dissertativo (argumentativo).

R04: Narração, dissertação, teatro, biografia, autobiografia, monólogos.

R05: A produção textual é trabalhada a partir de vários tipos de textos, no entanto, procuramos privilegiar determinados gêneros em cada série, como por exemplo, a narração ganha abordagem mais aprofundada na 5ª e 6ª séries, sem que isso signifique que deixemos de explorar a dissertação nestas séries. É importante ressaltar que consideramos as respostas a questões formuladas como pequenos textos, em que os alunos expõem sua opinião e a justificam com argumentos.

R02 menciona trabalhar com “os mais variados tipos de texto: narrativo, descritivo, dissertativo: notícias de jornais, receitas...” Há uma mescla nesta resposta das seqüências textuais (narração, descrição, dissertação) com os gêneros textuais/discursivos (notícias, receitas, bulas...). **R02** parece não fazer distinção entre tipos e gêneros.

Em **R03** e **R05** o equívoco dos docentes que entendem “gênero” como sinônimo de “seqüências textuais” permanece, pois para **R03** “o gênero mais solicitado é o dissertativo (argumentativo)” e **R05** privilegia o gênero narração na 5ª e 6ª séries.

Grupo 02: Produção Textual mesclada a perspectiva estrutural e discursiva.

R06: A partir de todos os tipos e gêneros: a tipologia clássica (pura ou não), a poesia, a entrevista, o relatório, o anúncio publicitário, a coluna social, a ata, os provérbios, as fábulas, a carta, etc, etc.

R07: Música clássica, poesias, notícias de jornal.

R08: Com oficinas, produção de crônicas, poesias variadas de acordo com a corrente literária do momento.

R09: Diversos gêneros textuais: crônicas, contos, poesias etc.

R10: Os textos são produzidos a partir de textos literários, jornalísticos, informativos, humorísticos, enfim qualquer tipo. Todos os gêneros.

R11: Textos de revistas, jornais e até produções dos próprios alunos, desenvolvendo todos os gêneros possíveis.

R12: Gêneros relacionados a redação Oficial e Comercial (UFSC). (UNIVALI) ⇒ Notícias, crônicas...

R13: Redação e textos literários clássicos e contemporâneos.

R14: São trabalhados todos os gêneros e com textos críticos e que levam o aluno a pensar, refletir e se posicionar.

R15: A partir de textos atuais e de todos os gêneros textuais.

R16: Fazemos produção textual de forma bastante abrangente.

R17: Todos os tipos.

R18: Todos os gêneros e textos variados. Para alunos maiores, temas polêmicos.

R19: Todos. Poesia e prosa.

R09 deixa explícito entender crônicas, contos, poesias etc. como sendo gêneros textuais e trabalha com eles, porém não faz menção do que sejam tipos textuais.

O trabalho de **R11** é com textos de revistas, jornais e com as produções dos próprios alunos e a partir destes textos desenvolve todos os gêneros. É interessante esta resposta porque é a única, entre tantas, a se referir ao trabalho com os textos dos próprios alunos, porém desenvolver todos os gêneros no espaço de interlocução de sala de aula torna-se impossível.

6. E COMO É FEITA A CORREÇÃO DA PRODUÇÃO TEXTUAL?

Subdividimos esta parte em três unidades, porque entendemos que existem algumas respostas próximas da forma estrutural, outras que mesclam a forma estrutural com a discursiva e algumas respostas que consideramos como evasivas. Vejamos:

GRUPO 01: Formas de correção mais estruturais

R01: Fazendo sugestões com vistas a “burilar” a linguagem.

R02: Procuo usar de códigos pré-estabelecidos e acordados com os alunos os quais remetem ao texto. Faço também, observações por escrito ao pé da página dos trabalhos (ou no verso). Às vezes, interfiro com algumas notações (acentos, pontuação, concordância, regência) mais prementes.

R03: Dou total liberdade ao aluno. Aponto os erros e mostro o caminho para que o aluno possa corrigi-lo.

R04: É um assunto polêmico. Às vezes, correção dos erros nas próprias redações. Às vezes, fazendo um levantamento dos erros (de todo tipo) e trabalhos os mesmos de maneira geral com todos os alunos.

R05: Corrigindo tudo o que tem errado e, na medida do possível, justificando por escrito o que foi corrigido.

R01 afirma fazer sugestões com vistas a “burilar” a linguagem. Este(a) professor(a) sublinha a palavra sugestões e coloca aspas no vocábulo burilar, a nosso ver, estas duas palavras são bastante relevantes para ele(a) levando o aluno a fazer as devidas correções. Com isso, cumpre a sua parte, olhando apenas superficialmente o texto, “caçando os erros” para burilar a linguagem. Segundo Serafini (1989), este é o tipo de correção *indicativa* em que o professor indica os problemas, assinalando-os ou fazendo sugestões na margem.

Para **R04**, a correção é um assunto polêmico. Algumas vezes, este professor(a) corrige os erros nas próprias redações e em outras faz um levantamento dos erros (de todo tipo) e trabalha de maneira geral com os alunos. Com isso, este docente, segundo Serafini (1989), faz o tipo de correção *resolutiva* em que o professor resolve, no próprio corpo do texto, todos os problemas superficiais e localizados de produção. Ele acrescenta, retira ou altera acentos gráficos, vírgulas e pontos, reescreve palavras em que a ortografia está incorreta, modifica morfemas de gêneros e número em formas nominais etc. É como se ele dissesse ao aluno: “resolva esse problema assim porque é assim que se resolve” (cf. Ruiz, 2001:197). E quando **R04** diz trabalhar com os erros de maneira geral, interpretamos que

ele(a) procura ensinar gramática pura em sala de aula, de forma superficial sem adentrar no discurso.

Observem, agora, o grupo que mescla a correção mais estrutural com a mais discursiva, entendendo discursiva como o trabalho com os aspectos macroestruturais do texto, conforme postulados pelo campo da lingüística textual, via Koch(1998) e Beaugrande & Dresller (1983) que são: aceitabilidade, informatividade, situacionalidade, intertextualidade, intencionalidade, coerência e coesão, ainda distantes da teoria da enunciação, via Bakhtin (1999).

GRUPO 02: Formas de correção que mesclam o estrutural com o discursivo (macro e microestruturas)

R06: Circulando o que não está correto e conversando com o aluno a respeito do texto produzido. Ele acaba percebendo o que não está correto.

R07: Avaliando a grande adequação da escrita à variedade culta da língua, sem a neurose da caça aos erros. E mais: coesão, coerência, grau de informatividade e argumentação. Este, tratando-se de texto dissertativo.

R08: Adequação, correção gramatical, coerência.

R09: Mostrando as partes boas e mostrando os desvios, principalmente lógica e coerência e estrutura frasal.

R10: Procedo a uma avaliação no próprio texto do aluno e a partir das correções o próprio educando, orientado pela professora, refaz (recria) o seu texto. A professora busca incentivar o aluno para escrever de forma clara, coerente e com correção.

R11: Basicamente com a correção gramatical, o que interfere na norma culta, os padrões de coerência e coesão, estimulando a buscar informações que dêem sustentação ao texto, ao mesmo tempo que a criatividade.

R12: Corrijo na redação e interpretação de texto: coesão, coerência “adaptação” adequação, argumentação, grafia, acentuação gráfica e concordância e outros.

R13: Os alunos fazem a primeira versão do texto, que é recolhida. São apontados a lápis os erros ortográficos ou de repetição de palavras, etc. Se o texto está pobre, faço questionamentos/sugestões na margem da folha, que vão puxando possibilidades de ampliação; se está incoerente, faço também questionamentos para que o aluno encontre uma forma de resolvê-lo. Quando a turma é pequena ou consigo me organizar de maneira que todos estejam ocupados produzindo, procuro chamar os alunos para ler com eles o texto, fazendo os questionamentos pessoalmente, isto é, discutindo com o autor o seu texto, sugerindo alterações, discordando, apontando as contradições, a falta de clareza, elogiando, etc. Algumas vezes escolho um texto e (com a permissão do autor, após limpar os erros ortográficos mais

graves) trabalhamos com ele coletivamente, discutimos e sugerimos as alterações. Depois comparamos a 1ª e 2ª versão para saber qual está melhor. Há há quatro anos trabalhamos com a prática de refacção. E procuramos, nas oficinas promovidas pela escola, estender este procedimento às outras disciplinas, já que a língua é o principal instrumento de ensino e da aprendizagem de todas elas.

R06 circula o que não está correto e conversa com o aluno a respeito do texto. Nesse sentido, **R06** corrige de forma *indicativa* e também de forma *textual-interativa*, porque interage com o aluno na conversa face a face sobre o texto levando o educando a perceber os problemas. os alunos.

R12 segue o mesmo padrão de seus colegas **R09**, **R10** e **R11**, mesclando na sua resposta a correção tanto de análise lingüística (grafia, acentuação gráfica, concordância...) como aspectos mais discursivos, ligados à coerência, à coesão, à argumentação etc. Curiosamente, **R12** menciona a palavra “adaptação” entre aspas, com isso talvez esteja entendendo adaptação como adequação à norma culta. Isto não fica claro na sua resposta, como também não fica clara a sua forma de intervenção no texto dos alunos.

R13 corrige a lápis os erros ortográficos e de repetição de palavras, mas também faz questionamentos na margem da folha a respeito de aspectos referentes à coerência. Na verdade, **R13** mescla a forma de correção *resolutiva* com a *textual-interativa*, interagindo com os alunos através de bilhetes à margem do texto. Este docente menciona que quando tem tempo disponível, interage com o aluno no espaço de interlocução de sala de aula, mostrando os problemas, como também os acertos do texto ao aluno. Este professor trabalha com oficinas de textos e com a refacção, comparando a primeira versão com a segunda e mostrando a diferença para o grande grupo de alunos refletir.

GRUPO 03: Respostas evasivas

R14: Cada produção textual tem um objetivo e um foco e é somente o que eu corrijo.

R15: Mostrando e comparando a outros exemplos produzidos pelos próprios alunos.

R16: A produção textual é feita em forma de “oficinas”.

R17: Apontando o que não está bem no texto e levando o aluno a refazê-lo.

R18: Dependendo do gênero, eles reescrevem o texto, fazendo as alterações necessárias/sugeridas.

R19: Durante a produção textual os alunos solicitam.

R15 afirma mostrar e comparar a outros exemplos produzidos pelos próprios alunos, mas mostrar o quê? Erros gramaticais ou aspectos macroestruturais. A forma como isto é mostrado também não é explicitada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das considerações apresentadas, pode-se constatar que o ensino-aprendizagem atual ocorre dentro de uma perspectiva estrutural, na qual os professores estão preocupados em ensinar a linguagem em sua imanência, subtraída de sua função social. Isto talvez se deva ao fato de esses professores terem tido sua formação acadêmica imbuída deste paradigma estrutural em que a linguagem é entendida como instrumento de comunicação.

Também constatamos, através das respostas ao questionário sócio-cultural, que o “mito” de ensinar gramática como uma espécie de lei, que regula o uso da língua em uma sociedade e dita normas prescritivas de bem falar e escrever, como já dito anteriormente, permanece em uma grande parte de esses docentes, fazendo com que o objetivo de suas aulas seja o ensino de tópicos/estruturas gramaticais, e não o ensino de gêneros discursivos, conforme postulam os documentos oficiais.

Outro aspecto relevante é que os conceitos de “tipos textuais” e “gêneros textuais/discursivos” estão sendo compreendidos pelos professores, algumas vezes, como sinônimos, e estas concepções vêm de quadros conceituais distintos (o primeiro do campo da lingüística textual e o segundo do campo da teoria da enunciação bakhtiniana) que até podem solidarizar-se, mas é preciso um aprofundamento maior. Nesse sentido, a concepção de gêneros do discurso, conforme proposta pelos documentos oficiais, não está sendo trabalhada na sala de aula, mas sim, os gêneros citados pelos professores estão sendo usados como pretexto para suas aulas.

Nas formas de correção da produção textual dos alunos, observamos que alguns professores mesclam as formas *resolutiva* com a *textual-interativa*, a *indicativa* com a *textual-interativa*, a *classificatória* com a *textual-interativa* e alguns ficam apenas na *resolutiva*, na *indicativa* ou na *classificatória*. Os que fazem a mescla são, a nosso ver, os que compreenderam as transformações do campo da gramática para o da lingüística textual, ou seja, avançaram da frase solta, do parágrafo ao texto e sua macro e microestrutura.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. **Português ou Brasileiro?** Um convite a pesquisa. São Paulo: Parábola, 2001.
- BEAUGRANDE, Robert-Alain de & DRESSLER, Wolfgang U. **Introduction to text linguistics**. 2. imp., Londres, Longman, 1983.
- BRASIL, Secretaria de Educação fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais** – terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental: Introdução e Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998a.
- BRASIL, Secretaria de Educação média e tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais – Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEF, 1998b Disponível em: www.mec.gov.br Acesso em: 13 ago. 2002.

- BAKHTIN, Mikhail M. **Estética de la creación verbal**. Trad. Tatiana Bubnova. 2. ed. México: Siglo Veintiuno, 1985.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. Michel Lahud e Yara F. Vieira. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1999.
- BONINI, Adair. A articulação entre gêneros e o currículo de língua portuguesa: propostas para o ensino médio na escola pública. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/abralin Acesso em 30/05/03.
- CEMIN, Juliana. A noção de gênero do discurso nas atividades propostas para as práticas de leitura no livro didático de língua portuguesa. Disponível em: www.lettras.ufrj.br/abralin Acesso em 30/05/03.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernard. **Gêneros e progressão em expressão oral e escrita**. Elementos para reflexões sobre uma experiência suíça. Trad. Roxane Rojo (mimeo), 1996.
- FERREIRA, Isaac. **Coerência, Informatividade e Ensino**: Uma reflexão e estudo em textos de professores do ensino fundamental. Dissertação de mestrado. UFSC, 2000.
- KOCH, Ingedore V. *A coesão textual*. 10 ed. São Paulo: Contexto, 1998.
- NIEDZIELUK, Luzinete Carpin. Um olhar sobre os gêneros discursivos em livro(s) didático(s) para o ensino médio. In: **XI Conferência Internacional sobre Bakhtin**, UFPR, Curitiba, 2004. CD-ROM.
- RUIZ, Eliana. **Como se corrige redação na escola**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.
- SANTA CATARINA, Secretaria de Estado da Educação e do Desporto. **Proposta Curricular de Santa Catarina**: Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio: Disciplinas curriculares. – Florianópolis: COGEN, 1998.
- SERAFINI, Maria T. **Como escrever textos**. Trad. Maria Augusta B. de Mattos. São Paulo: Globo, 1989.
- TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e Interação**: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.